

# A influência da sombra na formação identitária: uma análise em *A noite da espera*, de Milton Hatoum

*The influence of the shadow on identity formation: an analysis in  
The night of waiting, by Milton Hatoum*

Giovanna Galeno

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

[giovannaleticiasousa@gmail.com](mailto:giovannaleticiasousa@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0003-0107-3690>

## RESUMO

O seguinte artigo está situado entre estudos do arquétipo da sombra, desenvolvido pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung, e da formação identitária na literatura brasileira contemporânea com um recorte na obra *A noite da espera*, do escritor amazonense Milton Hatoum. Trata-se de um estudo alentado sobre a relação entre o desenvolvimento do arquétipo da sombra e a formação identitária da personagem principal, Martim, a partir de sua personalidade melancólica, evocando implicações de um passado traumático e suas representações na narrativa. Este trabalho se propõe a evidenciar os aspectos traumáticos, estabelecer a ligação entre o trauma e a condição melancólica e demonstrar a formação da sombra, aspectos pautados em reflexões sobre o passado traumático de dor e extrema violência e suas implicações nessa construção.

**Palavras-chave:** sombra; formação identitária; melancolia; trauma; Literatura Brasileira Contemporânea.

## ABSTRACT

The following article, situated between studies of the shadow archetype developed by the Swiss psychiatrist and psychotherapist Carl Gustav Jung, and of the identity formation in contemporary Brazilian literature, with an excerpt from the work *The Night of Waiting*, by the Mazonian writer Milton Hatoum. It is of a thoughtful study on the relationship between the development of the shadow archetype and the identity formation of the main character, Martim, based on his melancholic personality, evoking implications of a traumatic past and its representations in the narrative. With the aim of highlighting the traumatic aspects, establishing the formation of the shadow, based on reflections on the traumatic past, of pain and extreme violence, and its implications for this construction.

**Keywords:** shadow; identity formation; melancholy; trauma; Contemporary Brazilian Literature.

## INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a literatura buscou, ao longo dos séculos, formas mais adequadas de aproximação ao que se entende por “realidade”, aprimorando técnicas que tentassem transformar o texto em um “espelho” verossímil da experiência humana. Entretanto, a partir do final do século XIX e, principalmente, do início do século XX, a noção de espelhamento passou a ser problematizada, assim como a capacidade das palavras de expressarem a complexidade dos fatos, isto é, de ser questionada, e a representação linear e tradicional, que foi rejeitada por escritores atentos às diversas teorias que, fora do âmbito literário, contribuem na seara artística.

O processo acelerado de modernização, as drásticas mudanças na economia, o medo de enfrentar espaços públicos nas grandes cidades e a influência da tecnologia nas relações humanas são fatores sociais que têm constituído paradigmas quanto ao problema da representação, não apenas porque sempre há visões diferentes desses processos, mas também porque a criação de cenas que envolvem recordações de fatos dolorosos e/ou afirmações identitárias em um mundo hostil na literatura correm o risco de cair na irrealidade ou na banalização.

No campo da representação, os arquétipos, por sua vez, são essenciais para a narrativa na literatura, pois representam experiências e temas humanos universais que ressoam em um universo cultural amplo e que ultrapassam a temporalidade. Ao pensar nos arquétipos, sobretudo o da sombra, estudado por C.G Jung, pode-se dizer que os autores têm, cada vez mais, se apropriado da realidade humana para evidenciar as experiências transpassadas por cada personagem e sua história ao tornar as narrativas literárias mais próximas e significativas para cada leitor.

O arquétipo da sombra é manifestado na obra em análise à medida que o personagem recria suas memórias ao tecer considerações sobre si, de forma individual, e sobre o Brasil da época, de modo coletivo. Nesse sentido, o arquétipo da sombra, segundo Jung, faz parte do centro do inconsciente pessoal (Jung, 2008), esse, por sua vez, parte do arquétipo do inconsciente coletivo, como o estudioso bem descreve: os arquétipos “são produtos da nossa fantasia, que tornam visível as “imagens primordiais” que, além de evidenciar a forma da atividade desenvolvida, também permite compreender a situação que desencadeia a formação dessa atividade, gerando a sua “imagem” (Jung, 2000).

Resumidamente, os arquétipos são o conjunto de estruturas inatas e herdadas do inconsciente coletivo que servem para dar sentido à existência (Ramos, 2014 *apud* Jung, 1996). Ademais, a “ideia”, o arquétipo, exerce influência direta tanto na formação individual de Martim como na formação coletiva do Brasil a partir da recriação das “imagens” de sua formação, de forma a ressaltar também a “imagem do Brasil” baseada em um sujeito fragmentado e traumatizado que, de maneira dinâmica, alterna entre passado, presente e futuro (o que Martim foi, o que é, e o que será).

Com base no romance *A noite da espera*, publicado por Milton Hatoum em 2017, estuda-se, aqui, a relação entre o desenvolvimento do arquétipo da sombra e a formação identitária da personagem principal, Martim, a partir de sua personalidade melancólica, que rememora as implicações de um passado traumático e suas representações. Nesse sentido, o desencadeamento desses aspectos traumáticos na concepção clássica do sujeito e na formação da sua identidade se tornam evidentes e relevantes para este trabalho.

Com o objetivo de evidenciar o desenvolvimento do arquétipo da sombra e sua influência na construção do sujeito fragmentado, estabelecer a relação entre o trauma e a condição melancólica da personagem, demonstrar a formação da sombra e a concepção da identidade, este trabalho também traz reflexões sobre as consequências que as perdas provocaram no narrador em relação às falas vinculadas aos eventos traumáticos e formadores da identidade.

Dessa forma, vislumbram-se as características dessas obras que, a partir da formação de Martim, a personagem principal, e, indiretamente, de seus amigos, tecem considerações sobre a consolidação coletiva do Brasil como país a partir de um período-chave de sua história. Vale ressaltar que o romance em questão é o primeiro tomo de uma trilogia intitulada *O lugar mais sombrio*, cujo derradeiro elemento está em processo de conclusão.

Resumidamente, a obra consiste em narrativas que alternam trechos separados pelo tempo de entradas de diário. Neles, a voz do narrador, ora em primeira pessoa, ora em terceira, busca compreender o passado e os eventos que constituíram sua identidade. Trata-se de um estudo sobre a confluência da memória individual com a memória coletiva, pois, em busca de suas origens, a personagem principal, a partir da recordação de eventos que marcaram sua geração, enreda-se em lembranças próprias e alheias sobre a Ditadura Militar no Brasil.

Esta pesquisa encontra a sua razão de ser na ausência de um estudo sobre processo de formação da sombra e a constituição da personagem melancólica, enredada por sua formação identitária conturbada e problemática, devido aos conflitos existentes no contexto social em que vive: a Ditadura Militar.

Para desenvolver os estudos sobre os romances e o arquétipo, a pesquisa bibliográfica incluiu a leitura atenta da obra em questão, de sua fortuna crítica, das diversas teorias e autores que tiveram em comum o raciocínio sobre a formação da literatura brasileira contemporânea, seu processo fragmentado e fincado em eventos traumáticos, além da teoria Junguiana sobre os arquétipos, cujas contribuições são passíveis de serem reconhecidas nas obras de Hatoum.

## **LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, ASPECTOS TRAUMÁTICOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

A construção de narrativas com relatos de eventos traumáticos de violência, dor e horror é impedida, muitas vezes, pela impossibilidade da narração através da linguagem por conta dos traumas que envolvem esses eventos e os conflitos com o presente do indivíduo. Para estabelecer uma relação de continuidade em sua construção identitária e definir a história do texto literário, os autores são conduzidos a construir uma trama que envolve a relação de conformidade entre “a história do tempo presente, o processo de produção de uma narrativa, a natureza dos eventos traumáticos e a dicotomia vítimas-perpetradores” (Perosa Júnior, 2018, p. 190).

Diante desse cenário, é possível se deparar com produções nas quais os autores estão sendo confrontados com a complexidade do real e tendo como novo desafio falar sobre a realidade brasileira, mantendo a estilística literária e a estética do texto. Sobre isso, o teórico e crítico literário, Karl Erik Schollhammer, assegura que:

Essa procura por um novo tipo de realismo na literatura é movida, hoje, pelo desejo de realizar o aspecto performático e transformador da linguagem e da expressão artística, privilegiando o efeito afetivo e sensível em detrimento da questão representativa. Enquanto aquele realismo engajado estava solidamente arraigado no compromisso representativo da situação sociopolítica do país, as novas formas passam necessariamente por um questionamento das

possibilidades representativas num contexto cultural predominantemente midiático (Schollhammer, 2011, p. 57).

O novo realismo é marcado por aspectos que demonstram uma realidade que foge da tendência tradicional e inocente e passa a retratar as áreas “fragilizadas” da sociedade. Apesar disso, o realismo dentro da literatura não é evidenciado somente como uma mera representação, mas com fins reflexivos que envolvem a criticidade entre a história e a realidade, criando um paradoxo entre ambos e suas consequências dentro da atualidade (Schollhammer, 2011).

Assim como Milton Hatoum, escritores como Graciliano Ramos e Rubem Fonseca aproximam narrador, personagem e leitor, de modo a ocasionar uma visão mais profunda da estrutura da narrativa e a quebrar a ideia do “senso comum” através da relação entre ficção e real, representando a realidade a partir do estranhamento que é notável mediante as obscuridades do presente que o afastam da razão.

A obra *A noite da espera* é uma narrativa bem estruturada que evidencia profundamente essas reflexões sobre a realidade e o trauma. Nela, o narrador busca reconstruir a sua memória e identidade perdida a partir de suas impressões sobre um passado esquecido, pensando em um futuro incerto que causa conflitos no leitor, fazendo com que esse, muitas vezes, se coloque na posição do narrador para tentar compreender em que tempo ele está ao narrar suas memórias: em São Paulo, rememorando sua infância? Em Brasília, tentando descobrir sua identidade na juventude que, por vezes, é massacrada pela Ditadura Militar? Ou em Paris, durante a fase adulta, vivendo na solidão do exílio, silenciado, preocupado com os amigos e a mãe que na adolescência o deixara? – como mostram os seguintes trechos:

As palavras do meu pai sobre Brasília se perderam durante a viagem de ônibus, quando eu pensava na minha mãe. Ele, também em vigília, cobria meu corpo com uma manta de lã. Eu não sentia frio, sentia vertigem da distância, da separação.

[...]

Saí do hotel à procura do centro da capital, mas não o encontrei: o centro era toda a cidade.

[...]

Olhou para baixo quando três homens engravatados entraram na Encontro. “Esses senhores são juízes da Suprema Corte”, disse Jorge Alegre. “Estão

hospedados no Hotel Nacional. Faz parte do pequenino rebanho da alta magistratura. São carneiros velhos e obedientes, não costumam desafiar os militares. Aliás, um deles é almirante.” (Hatoum, 2017, pp. 26-27).

Martim é um exemplo muito claro de um personagem marcado por traumas. Por se tratar de um romance de formação, é possível identificar o caminho que ele trilha durante sua construção identitária. O seu primeiro trauma se engendra no início da narrativa com a separação dos pais e a recusa da sua mãe, Lina, em ficar com ele, sem explicações aparentemente evidenciadas, inclusive esse é um dos dramas da narrativa, além do choque em ter que morar em outra cidade, Brasília, com o seu pai, Rodolfo, tendo como pano de fundo um período que demonstra a ascensão da Ditadura Militar no Brasil, bem como a construção de Brasília como uma capital.

No decorrer do tempo, a literatura voltou-se para assuntos mais urbanos, de forma a ampliar os campos, os espaços e os temas que passaram a ser tratados, assumindo abordagens que envolvem o real social e as consequências que elas trouxeram para o cenário nacional. A transição da literatura de 70, tradicional, para a de 80, transformadora e real, é trazida à luz das reflexões de Schollhammer, resumidamente, na seguinte mudança: “na década de 1980, começava a ampliar as fronteiras e permitir aos escritores tratar de questões de fronteira e de espaço, sem a camisa de força das determinações de identidade nacional” (Schollhammer, 2011, p. 22).

Ao reunirmos a apreensão das memórias, os relatos e a tentativa de reconstrução identitária dos narradores, encontramos a literatura contemporânea reafirmando o poder que os textos exercem a partir dessa junção e, com isso, aprendemos que esses fatores transformacionais estão vinculados à situação dos narradores de cada história no impasse em que surgem as lacunas dessas situações: “... as anotações desta página terminam com a palavra “caverna” e reticências. Lembro pouca coisa do que aconteceu depois.” (Hatoum, 2017, p. 71). Consequentemente, levam-nos a refletir sobre a condição humana e sua vida construída mediante uma sociedade culturalmente traumatizada.

## **PASSADO, TRAUMA E MELANCOLIA**

Falar do mundo violento e das amplas questões a que a sociedade está sujeita dentro do campo literário pode tornar-se difícil. Para mostrar situações que envolvem dor e feridas, sendo essas as que não machucam o corpo, mas causam efeitos devastadores

em outras áreas da vida, como a mente, encontramos narradores que têm se mostrado longe do que poderíamos chamar de “neutros”.

Percebemos, novamente, o interesse da literatura em falar sobre a vida, a violência, o trauma, isto é, assuntos que são tratados não na intenção de naturalizá-los ou de concordar com eles, mas com a ideia de romper com as idealizações estagnadas pela vida cultural dominada por segmentos sociais e políticos que provocam o caos. Entretanto, para narrar eventos desse tipo, os escritores definem algumas escolhas estéticas que os ajudam a relacionar a linguagem, as relações internas e a condição histórica dentro da narrativa (Ginzburg, 2012).

Assim, para narrar o passado, por exemplo, é preciso torná-lo presente, porém, como algo ainda perdido, por isso, as evocações das memórias, imagens etc. A partir dessa retomada, surgem os testemunhos, e aquilo que estava “perdido”, agora, compõe um elo entre passado e futuro, mesmo com descontinuidade histórica.

Partindo das afirmações anteriores e relacionando-as com as considerações sobre narrar o passado do filósofo, ensaísta, tradutor e crítico literário alemão Walter Benjamin<sup>1</sup> já mencionava que, no processo de compreensão do passado, conforme ele é rememorado no presente, existem diversas forças que interferem na constituição do que está acontecendo naquele momento, isto é, a construção fragmentada (Vieira, 2007).

É certo que, ao tentar reconstruir sua identidade, o indivíduo parte do reconhecimento do passado que o acompanha e, para isso, a rememoração da historicidade e de suas experiências são determinantes para o sujeito. Além disso, as lembranças que envolvem o passado traumático, principalmente tratando do passado histórico brasileiro, são forças que estruturam a subjetividade individual e coletiva da sociedade. Segundo o ensaísta e crítico literário Márcio Seligmann:

[...] é evidente que não existe a possibilidade de uma tradução total do passado [...]. Já Benjamin refletiu tanto sobre a nossa moderna incapacidade de narrar *estórias* em um mundo urbano onde o perigo espreita a cada segundo como também descreveu, e de certo modo incorporou no seu procedimento

---

<sup>1</sup> Walter Benjamin foi filósofo, ensaísta, tradutor e crítico literário alemão. É considerado um dos maiores pensadores do século XX e principal responsável por uma concepção dialética e não evolucionista da história. Suas temáticas favoritas incluem assuntos da literatura, da arte e suas técnicas, bem como da estrutura social.

historiográfico o princípio proustiano da *mémoire involontaire*<sup>2</sup>, que se deixa guiar não pela continuidade do tempo abstrato vazio, mas sim pelas associações dominadas pelo acaso. (Seligmann-Silva, 2003, 64-70, grifos do autor).

No caso da literatura brasileira, para compreendermos as reflexões que são abordadas dentro da contemporaneidade, é importante olhar para o ambiente histórico em que o Brasil se constituiu, pautado em um contexto histórico violento e traumático, principalmente, com sujeitos (narrador e personagens) melancólicos. Para isso, é necessário estender a visão em relação a eles para compreender as marcas históricas que os acompanham.

Ao olharmos para os narradores contemporâneos, veremos os impactos que a violência e os traumas do passado provocaram dentro da sociedade que deram origem a vários problemas para o sujeito, um deles é a instabilidade nas relações identitárias e sociais, condicionando, assim, o surgimento de narradores melancólicos.

Ao compreender que o sujeito é abalado por circunstâncias alheias ao seu desejo, podemos olhar para o trauma como um aspecto que propicia a melancolia. Segundo o ensaísta Jaime Ginzburg, o trauma pode causar diversas perdas, sendo algumas delas,

A capacidade de discernimento entre o real e o irreal, vendo a nossa consciência posta em crise de sustentação. Decorrencia natural disso é a condição melancólica que resulta da experiência dolorosa de perda, cujos limites, no campo coletivo, são inexatos e indeterminados. (Ginzburg, 1999, p.133).

Entre perdas e dores, o melancólico sempre terá experiências que estão ligadas a essa condição. É como se houvesse um ponto de intermédio no tempo que envolve os sofrimentos do passado ocasionados pelas perdas, o desassossego que remete ao futuro e o medo de um novo trauma (Ginzburg, 2012).

Assim, os estados de tristeza e incerteza de Martim, além dos episódios de trauma relacionados à violência, à separação dos pais e, conseqüentemente, ao abandono da mãe são fatores complexos que condicionam o personagem a viver em frequente melancolia. Com isso, Martim segue vivendo o “jogo das incertezas”, passando a duvidar de si, da

---

<sup>2</sup> [...] a memória involuntária ou lembrança-espontânea independe de nossa vontade, surge de uma lembrança e é imprevisível.

vida e do que ele fazia. “Um covarde. É o que penso hoje, quase dez anos depois, nesta tarde sufocante de verão... Um covarde que virou as costas para manifestação” (Hatoum, 2017, p. 51). Nessa cena, durante o exílio em Paris, Martim recorda a sua falta de esforço e coragem para ir ao encontro de seus amigos e da amada Dinah. Mesmo sem ele saber, aquela era a última vez que estariam todos juntos. A lembrança das palavras que ouviu do seu pai reverbera em sua mente: “Se você for preso mais uma vez, só Deus vai te libertar” (Hatoum, 2017, p. 51). O rapaz é paralisado pelo medo, negando uma possível ação, destacando a imparcialidade entre o que queria e o que deveria fazer. A dúvida, normalmente, o dominava, e momentos como esse o acompanham durante a sua jornada.

Nesse sentido, durante sua formação identitária, um dos aspectos mais atingido pela perplexidade dos fatos é a subjetividade. Essa é profundamente abalada devido às inúmeras projeções e elucidações que a personagem cria na tentativa de fugir da sua realidade. Sobre isso, Jaime Ginzburg (1999) já mencionava que, ao tratar da formação social do indivíduo, em um mundo marcado pelos traumas, a principal consequência que o exterior produz sobre o indivíduo é a perda da subjetividade, sendo este facilmente transformado em um indivíduo melancólico que não consegue descrever linearmente ou de forma objetiva “o que foi perdido”. Os delírios de uma companhia que ele não mais teria: “... eu emergia assustado de um cochilo e via o rosto da minha mãe num lugar sombrio do quarto... me assustavam e me deixaram prostrado na longa noite da espera” (Hatoum, 2017, p. 98). Martim já sentia que ele não teria o amparo, cuidado e a presença da mãe como imaginava, e que o abandono não seria superado pelo tempo.

Para o personagem, a complexidade da sua vida sempre retornava a um mesmo ponto, o silêncio de Lina, sua mãe.

[...] Jantei no Palácio da Fome e voltei ao apartamento: Rodolfo trabalhava na sala, não respondeu ao boa-noite. O silêncio dele seria uma reconciliação surda de um embate? Depois, no quarto, pensei nesse silêncio como um desprezo, ou ódio calado, pensei que minha mãe fazia parte desse silêncio e comecei a escrever sobre a solidão. (Hatoum, 2017, p. 76)

Nesse ponto da história, que é narrado quando a personagem estava em Brasília, é perceptível que, embora o relacionamento com o pai fosse uma faceta complicada de sua vida, os questionamentos sobre a mãe, ora ou outra, voltavam em suas lembranças. Por mais que ele tentasse viver o seu presente e esquecer a mãe, que aparentava tê-lo

esquecido, o que vemos é a retomada desse passado como um fator que dificulta a continuidade de Martim nas outras áreas de sua vida.

## **A FORMAÇÃO DA SOMBRA E A CONCEPÇÃO DA IDENTIDADE**

A sombra desenvolve-se na vida das pessoas a partir daquilo que ela rejeita e não quer aceitar, tendo o seu início na infância do indivíduo. Todos temos “uma herança psicológica que não é menos real que a nossa herança biológica” (Jung, 2008, p. 69) e temos em comum um ambiente em que a nossa bagagem psíquica é recebida, a família. Nesse ambiente, os indivíduos estão expostos aos conflitos complexos que envolvem “valores, temperamentos, hábitos e comportamentos dos nossos pais e irmãos” (Jung, 2008, p. 69). É também a partir da família que os nossos primeiros traços de identidade são formados, sendo essa impulsionada pelas influências recebidas das pessoas que fazem parte do nosso convívio diário.

Dessa maneira, é primordial pensar na sombra como um “remédio” que organiza a nossa consciência na formação do que “eu” sou e do que “eu” não sou, por exemplo, no romance em análise, a personagem principal demonstra uma fragilidade em sua identidade ao tentar posicionar-se criticamente em meio ao conflito da Ditadura Militar. Ele tem seus pensamentos contra o movimento, mas, quando é necessário mostrar-se abertamente, o medo acaba impedindo-o diversas vezes e fazendo-o fugir. Esse comportamento diferente, por exemplo, de Dinah, sua amiga, que expressa uma identidade formada com demonstração de muita força, verdade e desejo de mudança, embora ela saiba das consequências de seus posicionamentos e ações, consegue desempenhar ativamente o papel de resistência contra o movimento militar. Essas diferenças de comportamento se devem, especialmente, pelo berço de formação de ambas as personagens, a fragilidade e o encorajamento parte da atmosfera que foi formada durante o desenvolvimento do seu “ego”. Segundo Carl Gustav Jung,

Existe uma relação direta entre a formação do ego e da sombra: o “eu reprimido” é um subproduto natural do processo de construção do ego que acabará se tornando o espelho do ego. Reprimindo aquilo que não se encaixa na visão que fazemos de nós mesmos e, desse modo, vamos criando a sombra. Devido à natureza necessariamente unilateral do desenvolvimento do ego, nossas qualidades negligenciadas, reprimidas e inaceitáveis acumulam-se na

psique inconsciente e se organizam como uma personalidade inferior - a sombra pessoal. (Jung, 2008, p.69).

Devido ao caos de sua infância, Martim cresceu com muitas emoções reprimidas e conclusões inaceitáveis em sua vida. Todo esse embaraço, inevitavelmente, acumulou em sua psique inconsciente que, mais na frente, tornou-se sua principal personalidade, uma marca de sua identidade, a sua sombra pessoal. Vejamos esses traços no seguinte trecho de *A noite da espera*: “Queria ter perguntado: Quem demorou, mãe? Quem adiou nosso encontro? Não disse nada no sonho, e fiquei remoendo meu silêncio. Agora, acordado, é tarde demais” (Hatoum, 2017, p. 16). Na ocasião, a personagem estava no exílio em Paris e recorda a frustração do encontro cancelado pela mãe, encontro esse que ofereceria conforto diante da ausência materna.

Nesse sentido, os sentimentos e indagações de Martim abrem espaço para a manifestação das imperfeições desse relacionamento e, embora não fosse perceptível, as sombras de Lina reverberam as sombras do filho. Ela não tinha a intenção de iluminar a ideia formadora do rapaz sobre o relacionamento maternal. Ela, de forma sucinta, manifestava o seu “eu sombrio”, que era desconhecido por Martim até momentos antes da separação. O ambiente familiar, que já foi mencionado, “é o palco onde encenamos a nossa individualidade e o nosso destino” (Zweig; Abrams, 1991, p. 69).

Eram muitos os aspectos que reprimiam o “eu” de Martim e que o tornavam esse jovem engendrado de inconstâncias e devaneios, todos os eventos que aconteceram em sua vida contribuíram para o aumento dessa complexidade, contudo, o principal era o relacionamento com os pais e o abandono inexplicável da mãe, esse foi um fator determinante na formação da sombra de Martim. A separação que se tornou dor, que virou incerteza, que o fez duvidar de si como um filho e, adiante na vida adulta, de si como um “representante ativo” contra a ditadura. Seria ele apenas um “medroso” fugindo na morte, seriam esses traços de alguém que sabe o que é ou apenas continua vagando, procurando a sua verdadeira face. Jung nos assegura que “[...] à medida que o ego da criança vai ganhando percepção, parte dele forma uma máscara – ou persona –, a face que exibimos ao mundo, a imagem daquilo que pensamos ser e que os outros pensam que somos.” (Jung, 2008, p. 70). Assim, comprovamos essa concepção na formação dessa personagem.

Levando em consideração a história familiar dele, identificamos o que Jung (2008) já mencionava: a forte influência das sombras dos outros membros da família na formação do “eu reprimido” de Martim, destacando, principalmente, na personalidade do rapaz as

sombras dos outros membros da família, assim, ele passa a ser visto como um “portador da sombra daquela família”, como os estudos de Jung (2008) já apontavam. São muitos os elementos obscuros da vida de Martim e de sua família, e o que é mais intrigante nessa busca pelo “real” é o percurso e a junção de detalhes e memórias que ele entrelaça em sua identidade, que foi marcada pela dinâmica misteriosa e extremamente negativa da família, tornando mais embaraçoso o cerne da construção identitária.

Na formação de Martim, existe uma grande quebra, o distanciamento e o silêncio da mãe, que escrevia, às vezes, ou mandava fotos, mas nunca revelava o seu endereço, justamente para que ele não a procurasse. Já a sua relação com o pai, nos momentos iniciais, tinha proximidade física por morarem na mesma casa, em Brasília, mas, ao tempo em que havia um estranhamento, eles não se davam bem. A influência mais significativa que os pais podem oferecer aos filhos é o exemplo (Jung, 2008). Os pais são os primeiros instrutores dos filhos e seus ensinamentos nem sempre são bons. Carregar a raiva, a culpa, o medo, o abandono no processo de formação de um filho pode abrir caminho para que esses sentimentos e emoções saiam das sombras e transpassem a realidade e, por consequência, podem ser inevitavelmente destruidoras para os filhos (Zweig; Abrams, 1991). Entretanto, na história dessa personagem, não há um representante idealizado como aquele que dita as regras e que o direciona em suas ações, ele cresce com esse exemplo fragmentado e, por vezes, parece estar totalmente vazio e perdido. Leiamos Hatoum mais uma vez:

Colei os pedaços das cartas da minha mãe; juntar palavras e frases rasgadas e recompor cada página é como armar um quebra-cabeça. Reli uma carta remendada, pensei na mão que escrevera e odiei as mãos que tinham rasgado. Ordenei as cartas numa sequência temporal e notei a falta da última, a carta datilografada que eu copiara num caderno. Vasculhei minha maleta, abri cadernos de anotações e livros, só encontrei uma fotografia de Lina, guardada nas páginas do volume *Paranoia*. (Hatoum, 2017, p. 194, grifos do autor).

Nesse trecho, é possível observar a tentativa de reorganização da memória de Martim partindo de suas lembranças, que engloba o teor contido nas cartas, assim como o ato de rasgá-las, por um momento, lamentar quem as escreveu e, posteriormente, lastimar quem as rasgou. Durante esse movimento de inconstância e dúvida, é possível visualizar a reverberação do sujeito melancólico que sabe que algo foi perdido, a mãe, e que se frustra por entender que aquela sensação, embora contra a qual ele tente agir, não

parece estar de saída ou prestes a ser estagnada, é um vazio que não poderá ser facilmente preenchido. De acordo com Jung, para preencher esse “vazio”, o indivíduo cria, ainda criança, um “falso eu”, que servirá de estrutura de caráter que ocultará partes do ser que ela escondeu para proteger-se contra novos sofrimentos (Jung, 2008). Em um outro relato é possível evidenciar que as dúvidas e sombras de Martim também causavam dúvidas em seus amigos em relação a ele: “Dinah não sabia o que dizer sobre o silêncio da minha mãe, talvez não quisesse arriscar uma opinião com medo de me ferir” (Hatoum, 2017, p. 234). A camuflagem e incerteza de sua identidade causavam desconfiança até em seus amigos mais próximos.

Outro aspecto observado na personalidade de Martim é a rejeição da mãe. Esse sofrimento torna-o incapaz de narrar a sua própria história e construir sua identidade com clareza, fazendo-o refém do conflito entre a sombra e a alma (Jung, 2008). Há uma necessidade imensa de se livrar da culpa e dos medos que o cercam, é por essa razão que a sombra o acompanha e pode ser vista no relacionamento dele com outras pessoas, como Dinah, por exemplo. Ele se aproxima dela com admiração, apaixona-se, preocupa-se, mas não consegue aproximar-se ou mostrar esse sentimento com perspicuidade, como os pensamentos de Martim descritos no seguinte trecho: “Na solidão da viagem, uma parte da minha vida saía de mim, o coração dividido pela amargura e a esperança: não sabia se ia rever Dinah, quem sabe se encontraria minha mãe...” (Hatoum, 2017, p. 236).

A influência da “Sombra” em *A noite da espera* é marcada, inicialmente, pelos conflitos familiares, demonstrando como os traumas e problemas da infância e como eles refletem no desenvolvimento da personalidade de Martim. É também a partir desses traumas que a sua realidade é atingida, bem como sua personalidade e construção identitária, tornando-o melancólico, confuso e pessimista. Além disso, os aspectos políticos e sociais exigem do personagem um posicionamento que ele não consegue assumir integralmente, pois a sombra que acompanha Martim aparece todas as vezes que ele tenta encarar ou demonstrar o seu “eu”, como no seguinte trecho: “... Já começava a ver a capital e o meu passado com olhos de desertor, me sentia culpado e acovardado por fugir, por não ter ido à reunião da *Tribo* na hora marcada... Uma traição à tribo de Brasília” (Hatoum, 2017, p. 236).

Nesse sentido, o arquétipo da sombra faz parte da construção primordial de sua personalidade. Mesmo que não a aceite, ele sempre esteve em contato com ela. Poderíamos supor, então, que, no lugar mais sombrio de Martim, vive a sombra, e esta

faz parte de quem ele é, entretanto é necessário que a personagem a aceite para que possa equilibrar-se e desenvolver-se em seu “eu”, quanto mais ele a reprime, maior ela se torna.

Dessa forma, mesmo diante da dificuldade para narrar fatores tão complexos, Milton Hatoum consegue representar, com destreza, a complexidade de eventos memorialísticos complexos baseado em traumas, violência e silenciamento. Além disso, a narrativa ainda permite observar como o arquétipo da sombra desenvolvido por Jung (2008) exerce influência na construção da formação identitária da personagem principal, evidenciando a sombra através das características estruturais de formação dos personagens.

Assim, esses fatores nos permitem refletir sobre o processo de formação da identidade e nos questionar sobre o conceito de uma identidade formada em seu estado completo. Será que o narrador-personagem de *A noite da espera* quer deixar nítida a identidade de Martim? Ousaremos dizer que sim e que essa pode ser uma lacuna que poderá servir de norte para um outro trabalho. Ademais, o autor também deixa claro o convite para construirmos essas memórias e identidades perdidas ao longo da vida porque talvez “... o curso de uma vida depende de certas decisões. Nem toda decisão é sábia, mas cada ato de vida é uma escolha mais ou menos consciente, às vezes, inconsciente” (Hatoum, 2017, p. 101).

## REFERÊNCIAS

- GINZBURG, Jaime. *A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil*. In: Letras, Santa Maria, UFSM, nº 18 19, jan.-dez. 1999, p. 121-144.
- GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. SP: Autores Associados, 2012.
- HATOUM, Milton. *A noite da espera*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- JUNG, Carl Gustav. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Tradução de Dora Ferreira da Silva, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. O problema do mal no nosso tempo. In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah. *Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira Da Silva, 21.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PEROSA JUNIOR, Edson José. A narrativa de eventos traumáticos na história do tempo presente: os desafios para o historiador. *Diálogos*, v. 22, n. 1, p. 190 - 204, 7 jul. 2018.

RAMOS, Karen. O conceito de sombra e o avesso da realidade: uma análise histórica e literária e suas representatividades. Anais da XIX Semana de Iniciação Científica 25 e 26 de setembro de 2014, UNICENTRO, Guarapuava –PR, ISSN – ISSN: 2238-7358.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In: *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Organização de Márcio Seligmann-Silva. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. 525 p. ISBN 9788526806467 (broch.). p. 387-413 (cap. 14). Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/12534>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

VIEIRA, Noemi Campos Freitas. *Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum*. 2007. 154 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São Paulo, 2007.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (orgs.). *Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.

Recebido em: 25/07/2024

Aceito em: 02/12/2024

**Giovanna Galeno:** possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Piauí (2023), especialização em Revisão de textos pela Faculdade Facuvale (MG) e é mestranda em Letras- Literatura pela Universidade Estadual do Piauí.